

PAI AMÉRICO

16 de Julho é o dia da Obra da Rua. É o aniversário do nascimento de Pai Américo para o Céu. Foi há trinta anos — 16 de Julho de 1956.

Escrevo estas notas junto do seu túmulo, no cantinho da Capela da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. A pedra de granito, com a cruz lavrada no seu dorso, lembra a presença bem viva de Pai Américo. Não está só. Não está morto. Vive: «Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morre, dá muito fruto». Aqui, a morte não é o fim. É condição de Vida.

Pai Américo, como o grão de trigo, foi caindo no sulco da terra, do «Lixo da rua», ao longo da sua vida. Por onde passou, onde chegou, ficava uma sementeira de Vida: testemunhos daquele tempo nos vão chegando, dia-a-dia. Agora, continuamos a colher os frutos.

Pai Américo encontrou-se com a Miséria e não passou ao lado. Enfrentou-a. Descobriu a arma verdadeiramente eficaz: deu a vida. Amou. Ajudou a pôr os bens materiais no seu lugar — com a sua Obra e a sua palavra. O caminho do Amor há-de ser, necessariamente, o caminho da Justiça

entre os homens. Leva à descoberta da dignidade de cada criatura.

As Casas do Gaiato nasceram para dar a cada garoto o lugar que lhe pertence. E são um fruto do Amor. É que o Amor leva a descobrir a dignidade de cada um.

O «fazer de cada rapaz um homem» está maravilhosamente escrito no largo da nossa Aldeia; de um lado, a cozinha e o refectório a dizer-nos que é preciso matar a fome; do outro lado, o edifício das escolas, que o homem, ser inteligente, necessita que lhe matem a fome da cultura e o libertem da ignorância; ao centro, a Capela a apontar a vocação divina do homem — chamado a ser e a viver como Filho de Deus.

Dignidade do homem que só o Amor é capaz de descobrir! E o Calvário, Casa de família dos doentes incuráveis!

Pai Américo, porque amou muito, fez muito também. E o Património dos Pobres, «pequenos auxílios», movimento que tem por alma o Amor, porta aberta para a justiça que diz: todos têm direito à casa para viver!

Celebrar o dia da Obra da Rua — no 30.º aniversário do nascimento de Pai Américo para o Céu — é continuar a Obra que nos deixou como herança.

Padre Manuel António



A. Capela da Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa, e as de todas as nossas Casas do Gaiato, apontam a vocação divina do homem.

Barredo

Por
P.e Carlos

Nestes artigos avulsos nem sempre a sua ordenação segue aquele fio lógico que seria o óptimo. São artigos de jornal...; não capítulos de um tratado. Reflectem o momento...

Ainda assim queria não me perder da informação até agora obtida sobre o realizado do Projecto de renovação da zona, sempre com o pensamento naquilo que falta e urge realizar. Parar — não. Concluir — eis o verbo pertinente. E seria a grande homenagem que o Porto e o País haviam de prestar à memória de Pai Américo no centenário do seu nascimento! Que nem um escudo se dissipe em supérfluos enquanto permanecer inacabado o suporte a que aqueles apenas serviriam de máscara, a esconder, a iludir a realidade!

Ora já vimos que das 350 habitações a reconstruir, ou simplesmente restaurar conforme ao teor da vida dos nossos dias, foram recuperadas 146, justamente as mais degradadas — o que nos permite reafirmar que mais de meio caminho está andado. Isto quanto à função residencial a que a zona foi e é vocacionada. E há que defender esta função das tentações de a «tercearizar», quer dizer, de a destinar sobretudo ao turismo, a comércio, a escritórios, em detrimento da população residente que lhe dá vida com a sua cultura e actividades próprias. É na linha destas actividades que importa procurar progresso. E se hoje o trabalho portuário foi bastante desactivado, há que preservar e fomentar tudo o que

for da espécie da produção compatível com o espaço e promover comércio assumidos preferencialmente por gente da Ribeira. Talvez que de tasquinhas e cafés e restaurantes típicos em que foram transformadas áreas antes ocupadas por armazéns de grosso, haja que baste (se já não sobra...) para entreter turistas da cidade ou do estrangeiro que ali acorrem atraídos pelo encanto do local. Que a função económica, que também à zona compete e é necessária à subsistência de parte da sua população, não seja buscada por caminhos alienantes que sobreponham outros interesses aos dos residentes, aos quais deve caber, quanto possível, a prioridade.

Cont. na 2.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Fomos arrumar contas, com o merceiro, numa família em dificuldades por desatino do pai. Os filhos sofrem...! Abrimos caminho. E nunca entregámos um centavo para a mão do casal... Agora, só continuamos a manter o leite consumido pelas crianças — vítimas inocentes.

Noutro lado procedemos da mesma forma. É a nossa missão. Apesar de tudo, o mundo dá ao dente. Não podemos atirar pedras nem fazer juízo de valores. São Pobres!

● Foi alcoólico e sofre as consequências, há muitos anos. Ele e a família. Já no resto da vida precisa dum carrão para deficientes. Temo-los todos ocupados: desde aquele que um vicentino adquiriu, no Porto, em segunda-mão, até um outro oferecido por uma viúva, dos arredores do Porto, por intenção do marido que Deus tem.

Na hora da compra dum *bólide*, dum *espada*, quem dera haja quem se lembre de compensar este e outros Pobres — sem pernas para andar!

● As moradias habitadas por uma parte dos nossos Pobres são uma herança de Pai Américo. Temos especial amor por todas elas! Pequenos santuários que motivaram a construção de centenas, de milhares de casas por todo o País; quais *alicerces* marcados pela Pedra Angular que é Cristo Jesus — na pessoa dos Pobres.

«Acontece que há muito guardava no peito o desejo de um testamento. Não queria morrer sem deixar algo aos Pobres. Tinha, até, pensado num grupo de três mortuários. Tinha-as localizado. Tinha escolhido as três famílias contempladas. Tudo isto era um segredo. Só faltava a ocasião. Esta veio... As casas começaram-se. Deus-lhes jurisdição. O impossível torna-se praticável. Os que nunca tinham visto nem sabiam como descobrir a América, agora sabem. É o Ovo de Colombo!»

Estas moradias são dos mais evocativos monumentos que consagram Pai Américo, para todo o sempre, como Recoveiro dos Pobres.

Estamos a ultimar a reparação delas. Têm resistido ao tempo... porque

Deus lhes põe as Mãos; porque, no aconchego da lareira, os Pobres levantam as suas ao Céu: «Nunca me esqueço de Pai Américo nas minhas rezas, todos os dias» — afirmava, recentemente, um idoso com Lume nos olhos. Não teria quê se ele, em vida, não houvesse realizado um testamento — ao contrário das vulgares normas dos mortais...

O vicentino que ora cuida da reparação chega com a notícia de que «só em madeira, para caixilharia, já gastámos mais de vinte contos!» Aquilo só, tão expressivo!, alerta para tudo o mais: mão d'obra, tintas, vidraças, cimento, cal, etc.

Continuemos a dar vida à herança de Pai Américo: casas para os sem casa. Procuremos estimar estes santuários — Património dos Pobres — uma das melhores se não a melhor parte da Igreja; pequeninas igrejas domésticas de gente que viveria sabe Deus como, não fossem as belas caixilharias de pedra *rusticada* pelo pingo do artista, quais restos da civilização do granito que tende a desaparecer — esmagada pela do betão.

Razão tinha Pai Américo, naquele tempo, quando parava, em silêncio, junto dos pedreiros, embalado na melodia do arrastar do perpianho: «Ó pedrinha... ó pedrinha...!»

No dia 16 faz trinta anos que vou para o Céu. Trinta anos! A evocação poderia ir longe. Seguramos a alma...! Nós sabemos quanto agrada a Pai Américo, por justiça, dar-se tecto a um mundo de desabrigados, a um mundo de Pobres — os seus maiores amigos — pelos quais deu a vida até à hora derradeira.

PARTILHA — É uma procissão cuja luz não se apaga. Luz da Luz!

A frente, vai a assinante 36082 com um pendão cheio de doutrina: «A fábrica onde trabalho envia a quantia de 7.500\$00 para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Que Deus vos ajude na luta a favor dos mais necessitados. Mas isto é um programa! Enquanto muitos dizem que não, há Fábricas a dizer que sim, que devemos dar a mão aos Pobres — abraçados no Mandamento Novo.

De Pedras Rubras: 1.000\$00 para sufragar «a alma de uma pessoa de família e gostaria que fossem para uma mulher abandonada pelo seu marido». Temos uma que recebe, nas suas mãos, milhares de escudos provenientes das vossas — sempre tão abertas!

Assinante 17022, agora com 500\$00, mantém uma perseverança com a

Força da primeira hora! Assinante 26741, 1.500\$00: «Gostaria que fossem entregues a uma senhora idosa e doente. Mas também — como sempre — fica ao vosso critério a escolha».

«Avó de Sintra», os «habitais três mil», de braço-dado a «uma pessoa amiga» com mais 500\$00. Assinante 22436, da capital, 1.000\$00. O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Saldo de contas da assinante 18909, de Cova da Piedade. Um vale de correio da assinante 27063. Parte dum cheque da assinante 2230. Pronta resposta da assinante 3197, da Praia da Granja, a um caso apontado na última edição. Mais 500\$00 da assinante 8451, de Vila Noya de Gaia.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VACARIA — Foi enriquecida com mais seis vitelas, o que significa que vamos ter mais leite. Estamos muito contentes porque o leite é necessário ao nosso crescimento.

FUTEBOL — A equipa de seniores está a participar num torneio organizado pelo F. C. de Paço de Sousa. Na primeira jornada, dia 14 de Junho, defrontámos o Caçade e ganhámos por 12-1. Prescindimos de comentários, pois o resultado diz tudo. Uma boa estreia!

No dia 15 defrontámos uma equipa de Valbom (Gondomar), em disputa de uma taça; por isso, o jogo teve sempre muita animação. O encontro começou com um certo ascendente da equipa visitante, chegando ao intervalo a ganhar por 2-0.

No segundo tempo fizemos algumas mudanças tácticas e conseguimos virar o resultado: 3-2 a nosso favor. Decorrida meia hora do segundo tempo, ficámos reduzidos a dez jogadores por lesão de um jogador. O adversário apercebendo-se da desvantagem, pressionou e ganhou a partida por 4-3. A taça em disputa foi ganha pela equipa visitante, mas ofereceram-na à nossa equipa, num pequeno convívio.

Os mais novos tiveram mais um jogo, no dia 22 de Junho, com o F. C. Vidraluz. Muito bem disputado, com muita correcção, embora o tempo não tenha ajudado, pois choveu durante todo o encontro. A equipa visitante, na primeira parte, não teve hipóteses e chegámos ao intervalo a ganhar por 2-0.

No segundo tempo a nossa equipa perdeu um jogador do meio campo, muito influente na manobra ofensiva, por causa de uma lesão. Os visitantes começaram a jogar mais ao ataque e marcaram três golos sem resposta. No final o resultado ficou em 3-2 a favor da equipa visitante.

CONVÍVIO — Um grupo de Valbom, que nos costuma visitar todos os anos, não faltou no dia 15. De manhã houve um jogo de futebol. Ganhamos. De tarde, um programa de variedades, também com a nossa par-

ticipação. No fim, fomos todos convidados para a merenda dos nossos Amigos. Muito obrigado.

VISITANTES — Continuam a chegar a um ritmo impressionante! Durante os dias úteis são excursões escolares. No fim-de-semana, pessoas que vêm cá passar o sábado ou o domingo trazem o seu farnel. Quero assinalar a visita de um grupo de estudantes da Universidade de Aveiro, no dia 13 de Junho, que está a fazer um trabalho sobre o Pai Américo. «Nós somos a Porta Aberta.»

Ludgero Paulo

Miranda do Corvo

LAVOURA — Estamos numa época do ano em que temos de nos mexer muito para atender as necessidades da nossa grande quinta, ocupando-nos, assim, com o que mais tarde irá saber bem na mesa.

Já começámos a arrancar batatas tempo atrás. Os batatais estão lindos e cheios de flor. Foram sachados e regados; esperamos que dêm bons frutos. Semeámos, também, o milho, o feijão, abóbora e cebolo —

João Paulo

Barredo

Cont. da 1.ª pág.

É muito agradável para quem conheceu o ambiente há vinte anos, o encontro desses comércios de regalo com um nível que satisfaz quem quer que seja e que são sintoma de uma higienização física já alcançada e, porventura, de alguma higienização moral. Mas, é preciso equilíbrio para que se não introduzam novos riscos que anulem os benefícios conseguidos. A droga é um desses riscos. E se o exercício local da prostituição foi felizmente banido, não deixa de ser ali lugar de procura e de encontros que a proliferação destes comércios de lazer propicia.

Para concretizar a informação e as razões deste alerta, refiro a afectação dada a espaços renovados não residenciais: Dos 110 armazéns existentes na zona antes da renovação, 20 deram lugar a 2 restaurantes típicos, 2 cafés-concerto, 2 galerias de arte, 2 lojas de cerâmica decorativa, 2 oficinas de artesanato e 2 lojas do mesmo ramo, 2 habitações, 2 equipamentos colectivos, 2 escritórios e outros dois espaços ainda por afectar. Aliás, há mais espaços na mesma situação que só agora foram postos a concurso.

De 4 casas de pasto, antes, se refizeram outras 3 e um equipamento colectivo.

indispensáveis na nossa horta. O milho e o feijão também foram sachados. Nestes serviços, o grupo dos mais pequeninos tem um papel fundamental: vai à frente das enxadas a arrancar as ervas de volta das plantas para que não se estraguem.

As oliveiras estão cheias de flor e, se tudo correr bem, teremos muito azeite.

As árvores de fruto não prometem grande abundância! Mas nós trabalhamos sempre para que não se estrague nada e pedimos ao Senhor ajuda, protecção — e que abençoe o nosso trabalho.

OBRAS — Temos estado atarefados numa obra para mais quatro grandes quartos, pois a casa está cada vez mais cheia! É numa habitação anexa que estava em fase de deterioração. Restauramo-la e ficará como nova, ligando-a directamente a nossa Casa. Está em fase de acabamentos. Em consequência desta obra foram alargados e melhorados mais dois quartos dos nossos rapazes. Um trabalho que exige muito esforço de alguns companheiros que entram pela noite dentro, trabalhando para que a obra se conclua o mais rapidamente possível. Tudo feito com alegria e boa disposição.

João Paulo

Seminaristas-teólogos conduzem os garotos... É a Santa Madre Igreja a endireitar canas torcidas e a soprar o morrão que ainda fumeja. Se nós não entramos nestes campos, por vontade e recta intenção, o mesmo é que deixá-los abertos aos falsos profetas. A criança, como as plantas, têm horas de se fazer. É agora! Seminarista-teólogo de todos os Seminários: oferece desde já o sangue das tuas veias por um mundo melhor. **Duc in altum!**

D. Américo 51



Síntese da Vida e Obra de PAI AMÉRICO

NOTA DA REDACÇÃO — Agora, que perfaz 30 anos que subiu ao Céu, eis uma nota sumária sobre a Vida e Obra de Pai Américo para curiosidade dos leitores, já que são muitos a pedir esses dados.

1887 — 23 de Outubro: Nascimento de Pai Américo na Casa do Bairro, freguesia de Gallegos (Penafiel);
1897 — Setembro: Frequenta o Colégio do Carmo, em Penafiel;
1899 — Outubro: Estuda no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras;
1902 — Presta serviço numa loja de ferragens na Rua Mouzinho da Silveira, 110-112 — Porto;
1905 — Frequenta o Instituto Comercial e Industrial do Porto;
1906 — Novembro: Embarca para Moçambique e, dos 18

aos 36 anos, trabalha no Chinde e em Lourenço Marques;
1923 — Admitido no Convento Franciscano de Vilarinho de Ramalhosa — Tuy — Espanha;
1924 — 14 de Agosto: Toma o hábito franciscano, naquele convento;
1925 — 3 de Outubro: Entra no Seminário de Coimbra;
1926 — 17, 18 e 19 de Dezembro: Recebe a Tonsura e Ordens menores, naquele Seminário;
1928 — 23 de Dezembro: Subdiácono;
1929 — 7 de Abril: Diácono;
1929 — 28 de Julho: Presbítero;
1932 — Toma conta da Sopa dos Pobres, em Coimbra, fundada pelo Arcebispo de Coimbra D. Manuel Luiz Coelho da Silva;
1935 — Agosto: Abre as Colónias de Férias do Garoto da Baixa (de Coimbra) em S. Pedro d'Alva (Penacova);

1940 — 7 de Janeiro: Primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo;
1941 — 1 de Janeiro: Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios (depois entregue aos Serviços Tutelares de Menores, em 1950);
1943 — 20 de Abril: Casa do Gaiato de Paço de Sousa;
1944 — 5 de Março: Primeiro número do jornal O GAIATO (hoje com uma tiragem média de 62.000 exemplares);
1945 — 3 de Fevereiro: Lar do Gaiato do Porto (seguiram-se os de Coimbra, Lisboa e Setúbal);
1948 — 4 de Janeiro: Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal (Loures);
1951 — Fevereiro: Construção das primeiras moradias do Património dos Pobres, em Paço de Sousa;
1954 — Casa do Gaiato, em Beire — Paredes;

3.º Encontro dos Antigos Gaiatos de Miranda do Corvo

A Casa do Gaiato, de Miranda do Corvo, voltou a ser o centro de mais um Encontro dos Antigos Gaiatos do Centro, o terceiro, realizado no dia 15 de Junho.

Logo de manhã começámos a afluir à nossa velha Casa. O grupo maior, porém, foi o que resultou da concentração em Coimbra, junto do Estádio Universitário. Registamos a presença de quase todos os que estiveram no ano passado e mais alguns que só agora puderam vir. Estiveram quatro dos mais antigos gaiatos. Presentes, também, alguns Amigos da primeira hora, quer de Coimbra quer de Miranda do Corvo.

A malta ia chegando e tratando de resolver assuntos de ordem administrativa, entre abraços e palmadinhas nas costas, quotas, assinaturas do O GAIATO. Adquiriam balões, para dar maior colorido à festa, e autocolantes. Movimentámos uma verba, aproximada, de 50 contos.

A hora prevista realizámos uma breve sessão de boas-vindas, seguindo-se a Celebração Eucarística presidida pelo nosso Padre Horácio. Como ele disse: «A Eucaristia deve ser o centro da vida na Casa do Gaiato». Neste domingo, foi

mais uma vez. Saliento a pequena reflexão sobre a Família, à qual presidiu a Mensagem Evangélica: «Maridos amai as vossas esposas; esposas amai os vossos maridos».

Depois, o almoço. Uma feijoadada. O Bandarra esmerou-se e preparou um pitéu que quase não chegava para cerca de 400 bocas que enfileiraram de prato na mão perante os tachos enormes de outro tempo — e de agora. O pipó lá estava, junto à fonte, para os mais velhos; e os sumos, em quantidade, deliciaram os mais pequenos. O tempo de cavaqueira e da «bica» foi animado pela actualização do Rancho «Cantarinhas do Carapinha». A juventude da terra a conviver com os jovens e menos jovens da Obra da Rua. Bonito!

A velha sineta lá tocou, mais uma vez. Agora, para nos reunirmos no salão. Momento importante: a distinção de alguns gaiatos, do presente, através da entrega de uma lembrança singela. Foram eles: O «Patinho» e o «Tonito», de entre os mais velhos; o Diamantino, pela sua actividade escolar; o Miguel, como melhor distribuidor do O GAIATO; e o João Paulo, distinguido pelos respectivos colegas do Lar de

Coimbra. Que este acto tão simples seja, para todos, um incentivo.

Mas o dia de festa não estaria completo se não houvesse o indispensável jogo de futebol. Os «Futres», os «Bentos» e os «Carlos Manuéis», cá do sítio, defrontaram-se com garra e algum peso na barriga (das pernas!). Ao Vítor («Tótó»), que se magou num braço, todos desejamos rápidas melhoras. Desta vez ganharam os da Casa (3-0), arrecadando, por isso, a taça destinada ao vencedor, oferecida pelo Banco de Fomento Nacional. Nós contentámo-nos com a taça gentilmente oferecida pela Ourivesaria Patrão, de Coimbra.

Os rissóis, croquetes, batatinhas e bolos que cada um levou, de manhã, dispostos nas mesas do salão, constituíram a abundante merenda com que terminou o dia. As inevitáveis despedidas, a vontade de estar presente no próximo Encontro, o adeus até para o ano eram as atitudes dominantes. Mas havia que partir e voltar à labuta diária, cada qual na sua actividade profissional, no meio onde se inseriu.

Fomos Gaiatos. Somos Gaiatos. Seremos Gaiatos!

Numa pequena nota registamos os nossos agradecimentos a quantos nos ajudaram na realização do Encontro. Aos amigos e firmas já mencionados e a outros: Tito Cunha, de Coimbra; Diário de Coimbra; Lacticínios de Perafita, de Matosinhos; João Machado da Conceição, L.da, de Lisboa; Agência de Viagens Méfia, de Coimbra — o nosso bem-haja.

«Chico-Zé»

1955 — 1 de Julho: Casa do Gaiato de Setúbal;
1956 — 16 de Julho: Viagem para o Céu, do Hospital Geral de Santo António — Porto;
1957 — 16 de Julho: Inauguração do Calvário (que sonhara há muitos anos...) na quinta de que se tomara posse em 1954, em Beire — Paredes.

Na comunicação escrita — para além do O GAIATO — Pai Américo colaborou, enquanto seminarista, em Lume Novo, boletim do Seminário de Coimbra. Já como Padre da Rua publica notas semanais no O Correio de Coimbra, desde o ano de 1932, primeiro sob o título «Sopa dos Pobres», depois «Obra da Rua».

A colecção de livros — alguns em 4.ª e 5.ª edições — reúne já muitos dos seus escritos, em oito títulos: Pão dos Pobres (1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes), crónicas publicadas no O Correio de Coimbra, A Ordem

e O Galato; Obra da Rua, relatório da sua acção de 1932 a 1945; Isto é a Casa do Gaiato (1.º e 2.º volumes), artigos saídos no O Gaiato, sob o mesmo título, com «factos, figuras, acontecimentos, descrições cuja beleza define o estilo pessoalíssimo do Autor»; O Barredo, crónicas publicadas no O Gaiato, que «são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos assuntos referidos no Pão dos Pobres»; Ovo de Colombo historia como e porque desabrochou o Património dos Pobres; Viagens, notas de reportagem do Brasil, Açores, África e Madeira; Doutrina (1.º, 2.º e 3.º volumes), colectânea de artigos inseridos no O Gaiato sob a mesma epígrafe ou de conteúdo doutrinário; Cantinho dos Rapazes, valioso espólio da acção pedagógica de Pai Américo, recolhido do O Galato e dedicado aos Rapazes, particularmente «aos mais espigados — para servir de leitura espiritual».

O livro CANTINHO dos RAPAZES

No meio da avalanche de presenças que chegamos, todos os dias, que haveríamos de dizer nós, os que beneficiamos ou beneficiamos, mais directamente, do bafo de Pai Américo, expresso no CANTINHO DOS RAPAZES!

Que haveríamos de dizer, já que faz agora 30 anos que voou para o Céu?

Nem sempre a palavra substancia, em toda a grandeza, um vulcão que ferve em nossa alma! Mas como a nossa pobre arte não dá para mais, ao menos expressemos algo do muito que gravámos para sempre e jamais se apagará — como filhos que somos.

É difícil...! A comoção avassala. Ou não fôssemos frágeis nas horas grandes. Bendita fragilidade!

É pela alma que os homens se entendem, embalados pelo coração — motor da vida.

Quantas Lições nos deu Pai Américo, extremando caminhos — pelo Caminho certo! Sem pingos de cera, respeitando a Liberdade dos filhos de Deus. Talvez neste aspecto — d'ordem pedagógica, d'ordem mo-

ral — sem se impor, fora sempre uma ressonância do próprio Deus; e a Confiança, supremo alicerce do seu ser e agir: «F., eu tenho confiança em ti...» Acolá: «Rapazes, eu tenho confiança em vós...»

Num mundo em que o pecado — até para os justos — é matéria de sete vezes ao dia, Pai Américo estimulava sempre: «Eu quero ter confiança em ti...»; ou, «quero ter confiança em vós».

Quanto esta linha exige a um filho?... «(...) Vai contigo o teu juiz (a consciência) e este é justo.» Era assim; sem pingos de cera moldava consciências. Abria caminhos. Esclarecia rotas por um único Caminho: sim, sim; não, não.

Mesmo nas horas más — sobretudo nas horas más — quem poderia deixar de escutar!?: «Cautela! Este juiz (a consciência) mostra-te os caminhos; diz-te, por uma palavra interior, qual é o bom e qual é o mau, sim, mas deixa-te a liberdade de escolher e tomar o que quiseres...»

Cont. na 4.ª pág.

O nosso capital, bom Padre, é o trabalho da Obra da Rua. Venha mais eu, porque é moço e pode trabalhar. «Vai, dá o que tens aos Pobres, segue-Me e toparás um tesouro.» Tamanho, que somente depois da posse é que a gente acredita nele!

Iremos binos, como os setenta e dois que Jesus mandou, para mais proveitosamente podermos repartir as nossas alegrias e as nossas tristezas. Venha daí mais eu, Padre; entre na Barca do Céu!

P. Américo

AQUI LISBOA!

«Calar é consentir.» (Pai Américo)

É já no próximo dia 16 que passa o 30.º aniversário do falecimento de Pai Américo. Lembrar essa data é para nós mais do que uma mera, embora sentida, evocação; representa, isso sim, uma bela oportunidade para fazermos balanço ao nosso trabalho, acertarmos as agulhas e reavivarmos o nosso compromisso de serviço. Entrados na recta final da existência, outra coisa não pedimos a Deus do que o Seu amparo para, sem desfalecimentos ou tergiversações, continuarmos a aguentar o embate das ondas neste mar encapelado em que vivemos, não consentindo, pelo nosso silêncio, as injustiças ou os desregramentos do Mundo.

■ O dinheiro é para o grosso das gentes a moça real da vida e o centro onde se colocam os corações. Tudo serve para fabricar o vil metal, às vezes sob as aparências de grande respeitabilidade e candura e com actos de pseudo-generosidade à mistura. Jamais esqueceremos um facto passado, há anos, numa terra da província, em que alguém, vivendo à custa da escravatura branca em Lisboa, se desdobrava em atitudes de benemerência, procurando honras e simpatias.

Entrámos em plena época balnear. Em muitos locais, de maneira descarada, se promove o nudismo como atracção de turistas. Pessoas muito consideradas, porventura de capela em casa e habitualmente às borlas das cerimónias religiosas, pouco se importarão dos valores, em causa, desde que contem, se possível, em moeda forte, os resultados das suas iniciativas, às vezes por interpostos agentes, que o que importa é passarem despercebidos, como respeitáveis senhores.

Boltes, clubes nocturnos e similares proliferam por esse País fora, com as consequências mais trágicas na vida dos indivíduos, das famílias e do tecido social. Surpreender-nos-íamos todos se soubéssemos, de verdade, quem são os seus autênticos donos ou financiadores.

Grupos de proxenetes trabalham à descarada no recrutamento de mulheres e de homens para a prática da prostituição ou da homossexualidade. Em certos locais afamados, pela sua paisagem ou pelo seu clima, desagua a escória internacional, que não tem lugar

nos países de origem, para levar a cabo as suas perversões. Engajadores sem escrúpulos, com os sofismas mais variados, acorrentam para Espanha ingénuas raparigas ou outras para as sujeitar, na maioria dos casos, a autênticos desastres. Aquilo que passa pela nossa experiência confirma.

Vivemos num mundo cheio de dificuldades e de problemas. A imoralidade reina por todos os lados e muitos dos males têm aí a sua raiz. Em nome da liberdade cai-se na libertinagem. Um Estado neutro em matéria moral, quando não fautor de leis imorais ou lá conducentes, mais favorece a permissividade e o caos.

Denunciar é nossa missão. Queremos continuar, e até ao

fim, a dar a vida pelos que nos chegam, mas temos de prevenir e de gritar alto: basta de corrupção moral! É que, com Pai Américo, desejamos também poder dizer: «Os vindoiros não sabem que, nestas eras de revoluções, passou no mundo um Padre revolucionário; o qual, se não tem até agora saudades os vendilhões do Templo, não é que não tenha coragem — é que o não deixam fazer».

■ Aproveitámos as Festas para falarmos d'O GAIA-TO. Algumas assinaturas foram feitas e esperamos que outras se sucedam.

Como temos referido nestas colunas, o jornal deixou, por razões várias, de ser distribuí-

Segundo diz o Padre Horácio — pelo telefone — ligava a data da Festa da Rainha Santa, na Lusa-Atenas, à viagem de Pai Américo para o Reino dos Céus:

«Há 30 anos foi assim: Quando a cidade de Coimbra estava em festa, o Senhor chamou Pai Américo. A semente caiu à terra e deu (dá) fruto e Vida...»

Na próxima edição — com atraso evidente — ele dará mais sinais do mote que aí vai. Até porque n'O GAIA-TO nem todos os apontamentos são efémeros, já que cimentados na Força do Espírito.

Tribuna de Coimbra

NOTA DA REDACÇÃO — O nosso Padre Horácio escreveu o seu «Tribuna de Coimbra». Pô-lo no marco do correio, de Miranda do Corvo, em 24 de Junho. Todavia, como os correios (do Norte) talvez se associassem à noite de S. João, o sobrescrito ficou por lá, não foi recebido à hora do «fecho» da paginação d'O GAIA-TO.

UNIR O AMOR DE DEUS E O AMOR DO PRÓXIMO

«As nossas comunidades são chamadas a ser uma antecipação da civilização do amor. Isto significa que, segundo o modelo das primeiras comunidades cristãs, devem realizar estruturas sociais concebidas sob o signo da fraternidade, um estilo de relações informadas pelo espírito de paz e pelo dom recíproco, uma solidariedade que torne mais são o corpo social, uma vida espiritual comunitária capaz de unir o amor de Deus e o amor do Próximo...» — diz o Santo Padre ao definir o que deve ser a Paróquia como comunidade cristã.

Esta definição trouxe à minha lembrança dois casos: O primeiro é uma paróquia afadigada com a construção de casas, capelas e salões. Natu-

ralmente, a elevação das paredes de pedra e cimento pouca disponibilidade deixa para os Pobres e aflitos da comunidade. Não consta que as primeiras comunidades tivessem grandes preocupações com os lugares onde se celebraria a «Ceia». Tampouco os Apóstolos com a dormida e o comer.

Não seria do agrado do Senhor que a Ceia (Eucaristia) regressasse às cozinhas e salas de jantar e que os Apóstolos caminhassem sem bolsa?

O segundo caso é duma paróquia afadigada, sim, mas com as pessoas, no aspecto espiritual e material. Tudo ali, também construções e obras, sob o signo da fraternidade. Esta paróquia cuida dos seus Pobres. Isto, conforme ao Evangelho, é agradável a Deus.

Quando numa comunidade cristã há famílias sem pão, pode ser linda a imagem do Senhor dos Passos, bela a igreja e funcional o salão; falta, porém, o «signo da fraternidade». Quando assim, arreemos os sinos e tiremos o «cristão» — pois falta também a presença do Senhor.

No amor a Deus e aos Outros, toda a Lei e os profetas.

Inútil perdermo-nos em palavras, gestos e acções se na

do nas ruas da Capital. Agradecemos aos Amigos que o têm divulgado e nos têm remetido novas assinaturas.

Vem aí o Centenário de Pai Américo. Aguardamos o começo do novo ano pastoral para, nos templos de Lisboa, falarmos da sua personalidade e divulgarmos, em campanha forte, o nosso jornal.

Relembramos, para facilitar os contactos com a Obra, nesta zona, as moradas onde todos poderão dirigir-se: Lar do Gaia-

to — R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c (à Estrela); Secretaria do Montepio Geral, R. do Carmo, 62; Franco Gravador, R. da Vitória, 40; Maison Louvre, Rossio, 106; Ourivesaria 13, R. da Palma n.º 13. Isto em Lisboa, que em Loures poderão passar pela Ourivesaria Miranda, R. da República; ou, querendo, dar um pulo a Santo Antão do Tojal, à Casa do Gaíato de Lisboa (Tel. 9849019).

Padre Luiz

O livro CANTINHO dos RAPAZES

Cont. da 3.ª pág.

Pode haver no mundo muitos sábios, muitos pedagogos, muitos santos — que os há! — operando maravilhas; mas, por conhecimento pessoal, só testemunhamos quem moldou a nossa alma: Pai Américo.

Não conseguimos ir mais longe...! Temos à nossa frente um mundo de Amigos — exuberantes, tocados pelo CANTINHO DOS RAPAZES.

Assinante 30702, de Porto Salvo:

«Foi com muita alegria que recebi o CANTINHO DOS RAPAZES.

Como professora, ele tem-me servido para fazer o início das aulas com uma pequena reflexão! Bem haja!

Quando eu finjo que me esqueço de ler um dos apontamentos com que o Pai Américo enriqueceu os seus rapazes — e nos enriquece, hoje, a nós — os meus alunos chamam-me logo à atenção!...»

Assinante 2164, de Matosinhos:

«Recebi o CANTINHO DOS RAPAZES que em boa hora publicaram. Hoje pude pegar nele e fiquei entusiasmada! Vou oferecê-lo também a amigas que, como eu, vão interessar-se e meditar sobre ele. Que grande educador é Pai Américo! Que riqueza, para nós, este livro!»

Assinante 17769, de Gavião: «Se todos os livros de Pai Américo são óptimos, este, o CANTINHO DOS RAPAZES, é muito útil à juventude e aos pedagogos, a muitos pais e educadores. Infelizmente não tenho filhos, mas como catequista também estou a aproveitar...»

Uma Criadita dos Pobres: «O CANTINHO DOS RAPAZES é um livro de doutrina que não podemos dispensar, dedicado àqueles que temos a nosso cargo, pois consideramos nossos todos aqueles que pertencem às famílias a que estamos ligadas, servindo-as com dedicação e interesse pela educação de seus filhos, para bem da sociedade de hoje que tanto precisa desta doutrina do nosso querido Pai Américo.»

O espaço não dá para mais! Continuamos a receber postais RSF (resposta sem franquia) das sete partidas do mundo português, requisitando o CANTINHO DOS RAPAZES e outras obras da nossa colecção, inclusivé as duas últimas reedições: 1.º volume do PÃO DOS POBRES e 1.º volume do ISTO É A CASA DO GAIA-TO.

Padre Telmo

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Havemos de conquistar o mundo sem saca nem bordão, que ainda hoje a única forma de o conquistar é não querer nada daquilo que ele nos oferece. Se houvesse outra maneira mais eficaz, o Mestre tê-la-ia ensinado — mas não. «Não queiras duas túnicas.» Francisco de Assis ouviu e não se enganou.

Q. Américo!

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Junho: 61.852 exemplares.